



## A INSTAURAÇÃO DO PODER NO PAMPA ARGENTINO

Thiago de Souza Baioco  
Graduando em Filosofia – UFJF  
Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos  
[thiagobaioco@ig.com.br](mailto:thiagobaioco@ig.com.br)

O presente texto tem a intenção de mostrar em linhas gerais características da instauração do poder na república Argentina a partir da obra: *Facundo civilização e barbárie no pampa argentino*, de Domingo Faustino Sarmiento.

A intenção da obra *Facundo* é a derrocada de Juan Manuel Rosas do comando da cidade de Buenos Aires, a mais importante de todas as cidades Argentinas. Mas além disso, e com isso, a instauração do “mundo” Europeu na Argentina. A obra, como salienta o tradutor Aldyr Gacia Schlee, “não é um romance nem uma biografia nem uma reportagem histórica; também não é apenas um ensaio de geografia física e humana ou de simples especulação políticas e sociológicas. Na verdade, é tudo isso: um amplo espelho, no qual o autor procurou refletir, sob uma ótica romântica e universalista, com ressaíbios iluministas e forte acento conservador, os movimentos de seu tempo”.

Sarmiento inicia sua obra evocando o nome de Juan Facundo Quiroga como um “fantasma”, já fazia dez anos da morte de Quiroga, um protótipo capaz de ser usado como molde explicativo do que acontecera com a Argentina para que tivesse chegado a tal nível de barbárie, despotismo, patrimonialismo sem limites. Para tanto fez-se necessário dividir a obra em duas partes, a primeira traça o terreno onde se desenrola a tragédia Argentina, a segunda mostra as idéias e o modo de agir da personagem, Quiroga, síntese de cem anos da história Argentina, de 1762 a 1862.

O terreno de toda a tragédia é o pampa. Sarmiento descreve a impressão que esse ríspido ambiente causa a quem ali vive, os bárbaros: “Esta insegurança da vida, que é habitual e permanente na campanha, a meu ver imprime no caráter argentino certa resignação estóica para a morte violenta, que faz dela um dos percalços inseparáveis da vida, uma maneira de morrer como qualquer outra; e talvez possa explicar, em parte, a indiferença com que se mata e se morre, sem deixar impressões profundas e douradoras entre os que sobrevivem”. Os rios argentinos são despregados pelo gaúcho, exceto o Prata que sustenta Buenos Aires e Montevideú, são antes, vistos como um entrave do terreno a ser vencido. Assim, destaca o autor, todos os benefícios que podem produzir um rio, navegação, plantações, troca de mercadorias e cultura, são simplesmente deixados de lados e tudo fica à mercê daquele que tiver mais força para tomar o poder. Os homens que habitam esses ambientes são opostos entre si, por exemplo, o homem trajado com roupa européia, civilizado, só poder ser encontrado em uma cidade como Buenos Aires ou Córdoba, nos campos veste-se a maneira americana, rústica. Tudo que é marca de civilização e cultura é menosprezado pelo homem do campo, ali só vale o que se desenvolveu pela força, pela valentia. O naturalismo de Sarmiento, que é o ambiente que molda esses homens assim como eles são, destaca alguns protótipos do argentino dos pampas, do qual o que nos interessa mais é o *gaúcho malo*. “Tipo próprio do pampa argentino, um *outlaw*, um *squatter*, um misantropo singular”.

“Este homem, divorciado da sociedade, proscrito pelas leis, este selvagem de cor branca, no fundo não é o ser mais depravado que habitam as povoações. O ousado fugitivo que ataca uma patrulha inteira é inofensivo para os viajantes”.

O lugar histórico onde se desenrola a história, tem seu início na revolução de 1810. Embalados pelos ideais da época, europeus e norte-americanos, os argentinos, tanto do campo quanto da cidade, decidiram por lutar contra os espanhóis. Seu início foi em Buenos Aires com o caudilho Artigas, ajudando Montevideu na luta contra o sítio do General Vigodet. Mas Artigas como também outros, López, Ibarra, Facundo, etc. não tinham aqueles ideais norte-americanos e europeus, faziam guerra por serem contra qualquer tipo de autoridade que não fosse a sua, ainda mais, isso significa também que todo tipo de vida civil trazida pelos espanhóis desaparecia totalmente ou de modo parcial por onde esses guerreiros passavam. As cidades dominadas perdiam não só suas infra-estruturas, como também seus habitantes mais ilustres, aqueles capazes de trazerem civilidade ao povo, capazes de trazerem progresso ao interior da Argentina.

Facundo, o protótipo do gaúcho malo, síntese de todo um século de história, tem sua vida apresentada em todos seus pormenores por Sarmiento. Vale destacar apenas alguns aspectos mais importantes para que se possa ter uma idéia de quem foi o *Tigre de Llanos*. Na infância temos o seguinte: “Facundo, que tinha calculado tudo, até a fragilidade da cadeira em que seu mestre estava sentado, dá-lhe uma bofetada, atira-o de costas...”. Na puberdade: “ A paixão pelo jogo[...]. Por ela conquista uma reputação na cidade; por ela torna-se intolerável na casa em que se hospeda; por ela, enfim, derrama com um balaço dado a um tal Jorge Peña, o primeiro regueiro de sangue que deveria das na larga torrente com que deixou marcada sua passagem na terra”. Já na idade adulta, depois de perder todo o dinheiro de um ano inteiro de trabalho em um jogo de cartas: “ [...] andando em sem direção fixa até que, um pouco adiante, um certo juiz Toledo, casualmente passava na ocasião, deteve-o para pedir-lhe sua papeleta de

conchavo. Facundo aproximou seu cavalo num gesto de quem ia entregá-la, fingiu buscar algo no bolso, e deixou estendido o juiz numa punhalada”. Posteriormente ingressa na montonera de Ramires, vergôntea de Artigas, “libertadores”. Preso por Dupuy, e encarcerado em uma prisão cheia de espanhóis provenientes do Chile, acontece de mata-los por tentarem fugir no momento de uma rebelião. É este feito “ilustre” que trás Facundo ao seio da Pátria e que leva seu nome a todas as partes.

A vida de Facundo, podemos resumidamente dizer que foi uma luta de cidade em cidade, assassinatos e mais assassinatos, destruição e mais destruição. Das cidades que tomava não se tornava governador, mas tinham que lhe dar dinheiro, gado e tudo mais que achava ser seu. Foram inúmeros os episódios de humilhações públicas, seja soldado ou civil, seja mulher ou homem, ninguém escapava das brutalidades de Quiroga. Ainda assim Sarmiento não deixa de se surpreender com o *gaúcho malo*, as comparações que faz dele com outros grandes nomes da história mostra que essa terrível figura causa-lhe um certo tipo de “temível admiração”, digo “temível admiração” pois como podia um bárbaro como Facundo tomar tantas cidades e ser possuidor de tanto poder? Segue uma das analogias feita por Domindo Sarmineto ao encontro dos três terríveis caudilhos, Quiroga havia perdido a batalha de Códoba para o general Paz e estava em Buenos Aires a fim de recrutar mais homens para seu novo exercito: “Os três caudilhos mais famosos estão reunidos no Pampa: López, discípulo e sucessor imediato de Artigas; Facundo, o bárbaro do interior; Rosas, o lobecão que ainda está se criando mas que já está em véspera de se lançar a caçar por conta própria. Os clássicos os teriam comparado com os triúnviros Lépido, Marco Antonio e Otávio, que repartem entre si o império; e a comparação seria exata até na vilania e crueldade do Otávio argentino”.

A morte de Quiroga, assassinado por um outro *gaúcho malo*, deu-se a mando de Rosas, Governador da cidade de Buenos Aires. Mas o assassinato de

Facundo não é apenas a marca do fim de um sanguinário bárbaro, muito pelo contrário, é a instauração de um muito pior e mais ardiloso. Agora sem Quiroga em seu caminho Rosas torna-se o governador dos governadores, as leis, as *sumas do poder público*, que davam a Rosas poder sobre tudo e todos em Buenos Aires, estendiam-se agora também a toda a República Argentina. O segredo intimo de Rosas, segundo nos conta o autor, é a reconstrução do antigo vice-reinado de Buenos Aires.

As hostilidades pessoais entre jornais pró Rosas e contra Rosas e outros desentendimentos fazem com que a França faça um bloqueio a República da Argentina, isso significava deixar alguns barcos apodrecendo nas águas do Prata. Mas além desse “bloqueio” o que acontecia de fato era a imigração do comércio de Buenos Aires e suas principais casas estrangeiras para a cidade de Montevideú. Todos os refugiados do regime de Rosas evadiam-se para lá, todos os tipos de adeptos das mais diferentes idéias em um só lugar. Essa cidade torna-se para Sarmiento o berço da queda de Rosas, que ainda não caiu, tudo que Rosas fez contra o povo argentino é tido como parte da força que irá destruí-lo, são inúmeros os exemplos de Sarmiento, só para citar alguns: “Porque ele destruiu as garantias que nos povos cristãos asseguram a vida e a propriedade dos cidadãos, o novo governo restabelecerá as formas representativas e assegurará para sempre os direitos que todo homem tem de não ser perturbado no livre exercício de suas faculdades intelectuais e de suas atividades”, “Porque ele profanou os altares, pondo neles seu infame retrato; porque ele degolou seus sacerdotes, humilhando-os, e fazendo com que abandonassem sua pátria, o novo governo dará ao culto a dignidade que merece, e colocará e seus ministros à altura de que necessitam para que moralizem os povos ”.

A obra de Sarmiento termina com essas palavras de esperança em um novo governo, em uma nova ordem onde todo o ideal europeu de civilização poderá prosperar. Mas por que afinal chegou-se a tal deplorável estado? Quais foram os

meios usados? Como tomou o poder de tanta gente assim e em tão vasto território?

A explicação pode ser encontrada nos vários trechos ao longo do livro. Eles vão desde a tese do naturalismo até relatos de tortura, assassinatos públicos, terrorismo, seqüestro, “exercícios” militares para disciplinar o povo, dentre outros. Mas por detrás de todas essas “táticas” podemos notar que o patrimonialismo rege toda essa “ordem” de coisas. O patrimonialismo é segundo Weber “a forma de dominação tradicional em que o soberano organiza o poder político de forma análoga ao seu poder doméstico”<sup>1</sup>. Mas em que “casa” Facundo se espelha para governar? A resposta dessa pergunta Sarmiento nos dá com sua tese do naturalismo, os grandes e despovoados pampas onde a morte sempre espreita o gaúcho, onde a organização familiar é ainda tribal, e como tribal a força é o mandamento vital, primordial para o sustento do homem do campo. Dessa força sem rédeas, pois no campo tudo que representa o mundo civilizado, Estado, lei, ordem, direito, é menosprezado e visto como ruim, Sarmiento apresenta Facundo como sendo um avatar daquilo que há de mais americano, o *gaúcho malo* dentre os *gaúchos malos*, a força cega, bruta, bárbara, que vem para destruir a tudo que pareça ser civilizado. Os mandos e desmandos de Facundo são exemplos de tudo o que se poderia imaginar que ocorresse nos pampas gaúchos. O senhor, o dono da terra, o patriarca, não só fazia o que viesse em sua cabeça mas o fazia conscientemente contra a civilização, o europeu. Um trecho que ilustra bem o que foi o “regime” patrimonial exercido por Facundo ao longo de vida: “Durante o governo de Blanco, travasse uma discussão, numa partida de carteadado; Facundo pega seu contendor pelos cabelos, sacode-o e quebra-lhe o pescoço; o cadáver foi enterrado e atestado na certidão: “morto de morte natural”. Ao sair para Tucumán, manda uma patrulha à casa de Zárate, proprietário pacífico mas conhecido por seu valor e desprezo a Quiroga; vem aquele à porta e, apartando a mulher e as filhas, fuzilam-no, deixando à viúva o cuidado de enterrá-lo. De volta

---

<sup>1</sup> VÉLEZ-RODRÍGUEZ, Ricardo. **Patrimonialismo e a Realidade Latino-Americana**, p.13

da expedição, encontra-se com Gutierrez, ex-governador de Catamarca e partidário do congresso, e insta-o a viver em La Rioja, onde está seguro; ambos passam uma temporada na maior intimidade, mas no dia em que o viu numas carreiras, rodeado de gaúcho amigos, prende-o, dando-lhe uma hora para preparar-se para morrer; o espanto toma conta de La Rioja - Gutierrez é um homem respeitável que granjeara o afeto de todos; o Presbítero, Doutor Colina, o Cura Herrera, o Padre Provincial Tarrima, o Padre Cernadas, Guardião de São Francisco, e o Padre Prior de Santo Domingo apresentam-se para pedir-lhe que ao menos dê ao réu tempo para fazer o testamento e confessar-se; “Vejo, contestou, que Gutierrez tem aqui muitos partidários. Vamos, uma ordenança! Leve todos estes homens para o cárcere e que morram no lugar de Gutierrez!” (são salvos, com efeito: dois começam a chorar aos gritos e a correr para salvar-se; a um, o pior que acontece é desmaiar-se; os outros são aprisionados); ao ouvir essa história, Facundo põe-se a rir e - manda libertá-los”.

Creio que este tenha sido o melhor exemplo do que aconteceu aos pampas gaúchos no século em que Facundo esteve vivo e trouxe-lhe a barbárie, e tudo por sobre um solo patriarcalista. Foi assim que ocorreu a instauração do poder no pampa argentino.

#### Bibliografia:

SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: civilização e barbárie no pampa argentino*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/EDIPUCRS, 1996.